

Um monte de sentidos: os diferentes usos de construções binominais quantificadoras

A bunch of senses:
the different uses of quantifying binominal constructions

Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux¹
Karen Sampaio Braga Alonso²

Resumo: Esta pesquisa descreve o uso de quatro construções binominais quantificadoras: "um monte de N2," "uma enxurrada de N2," "uma montanha de N2," e "uma chuva de N2," do ponto de vista da Linguística Baseada no Uso. A hipótese geral que assumimos é que tais construções apresentam diferentes distribuições na língua, ou seja, não são sinônimos absolutos. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é descobrir quais são as propriedades semânticas específicas associadas a cada construção com base na análise de seus componentes N2, bem como os significados evocados por "monte," "enxurrada," "montanha," e "chuva" dentro de cada construção. Além disso, realizamos uma análise qualitativa e comparativa dos dados a partir do *Corpus Brasileiro*, focando nos lexemas mais frequentes em cada construção. De acordo com nossa hipótese, as quatro construções binominais quantificadoras recrutam diferentes lexemas, resultando em diferentes graus de coerência semântica. Ainda observamos que mesmo quando diferentes construções recrutam o mesmo lexema, o significado da construção difere.

Palavras-chave: Quantificação. Construções Binominais quantificadoras. Linguística Funcional Centrada no Uso.

Abstract: This research explores the usage of four quantifying binomial constructions: "um monte de N2," "uma enxurrada de N2," "uma montanha de N2," and "uma chuva de N2," from the perspective of Usage-Based Linguistics. Our main hypothesis posits that these constructions exhibit varying distributions in the language, indicating they are not absolute synonyms. Consequently, this study aims to uncover the specific semantic properties associated with each construction through an analysis of their N2 components, as well as the semantic nuances conveyed by "monte," "enxurrada," "montanha," and "chuva" within each construction. Additionally, we conducted a qualitative and comparative analysis using data from the *Corpus Brasileiro*, focusing on the most frequent lexemes in each construction. As hypothesized, these four quantifying binomial constructions employ different lexemes, resulting in varying degrees of semantic coherence. Furthermore, even when different constructions recruit the same lexeme, the construction's meaning differs.

Keywords: Quantification. Quantifying Binominal Constructions. Usage-Based Linguistics.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/Centro de Letras e Artes, Departamento de Linguística, Programa de Pós-graduação em Linguística. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: carol.fumaux@letras.ufrj.br

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/Centro de Letras e Artes, Departamento de Linguística, Programa de Pós-graduação em Linguística. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: karensampaio@letras.ufrj.br

Introdução

Este trabalho tem como objeto de estudo as construções binominais quantificadoras *um monte de N2*, *uma enxurrada de N2*, *uma montanha de N2* e *uma chuva de N2*, como se vê em: *um monte de gente*, *uma enxurrada de ações*, *uma montanha de dívidas*, *uma chuva de críticas* etc. Tais construções são chamadas binominais por apresentarem uma relação entre dois nomes, N1 e N2: acima, os lexemas *monte*, *enxurrada*, *montanha* e *chuva*, N1, são aqui chamamos de nomes quantificadores (NQ); já o N2 são os lexemas quantificados que figuram no *slot* aberto da construção. Acima são representados por: *gente*, *ações*, *dívidas* e *críticas*.

O presente artigo se desenvolveu sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, que é assim denominada em correspondência com a Usage-Based Linguistics na literatura estrangeira (cf. Barlow; Kemmer, 2000; Goldberg, 2019; Boyland, 2009; Bybee, 2010; Diessel, 2019); uma tendência mais atual de estudos chamados funcionalistas (em oposição a estudos de cunho mais formal). Segundo esse modelo teórico, o conhecimento linguístico é desenvolvido a partir da experiência do falante com a língua, ou seja, com o uso. A partir de usos mais específicos, padrões mais gerais são abstraídos. Entendemos, assim, a língua como um inventário complexo de construções, adquirido e atualizado a partir das nossas experiências.

Desta forma, as construções estudadas são apreendidas a partir da experiência dos falantes com a língua e são usos que reforçam um padrão mais geral e abstrato, que possui a forma **ART INDEF N1 de N2** e que tem como sentido **uma grande quantidade indefinida de um referente**, de forma similar a outros quantificadores indefinidos de grande quantidade da Língua Portuguesa, como *muitos*, *vários*, *bastantes* etc. É o que podemos ver no exemplo a seguir:

- (1) <p>: ... em geral, era o reitor que fazia a contração de **um monte de gente** desarticulada, sem liderança, e isso não levava a coisa nenhuma, não produzia pesquisa, nada. (*Corpus Brasileiro*).

No exemplo acima, não podemos afirmar com precisão a quantidade do referente *gente*, porém podemos afirmar que há uma quantificação a partir da construção *um monte de* e que o falante quer expressar que a contratação envolve uma grande quantidade *de gente*.

Assim, esta pesquisa pretende investigar como tais construções binominais são distribuídas nos contextos linguísticos em termos colocacionais. Entendemos que as construções quantificadoras são recursos disponíveis na cognição para a quantificação no Português Brasileiro (PB); assim, questionamos se podemos intercambiá-las indiscriminadamente na língua sem que haja mudança de sentido nos contextos.

De acordo com Verveckken & Delbecque (2018), obra cara a este trabalho, nomes quantificadores são nomes que possuem potencial para a quantificação além dos seus significados lexicais. Para as autoras, as construções binominais são uma forma específica de construir uma interpretação acerca da quantidade de um N2 que extrapola aquela expressa pelos quantificadores tradicionais, como por exemplo *muito*. Nesta pesquisa, acreditamos que as construções em foco possuem uma conceptualização própria e se particularizam diante de outras estratégias de quantificação.

A hipótese geral deste trabalho é que a semântica dos nomes quantificadores contribui para o sentido da construção como um todo. Ao realizar uma quantificação com uma construção binominal, o falante faria uso de uma das alternativas que sua gramática oferece para quantificar elementos em grande quantidade. No que tange às construções binominais, a semântica dos nomes quantificadores (*monte*, *montanha*, *enxurrada* e *chuva*) influenciaria no tipo de referente que aparece no *slot* aberto da construção, assim como no tipo de referente quantificado, o qual também pode influenciar a escolha do falante por uma ou outra construção.

Com base em Fumaux (2022), entendemos que as construções em foco nesta pesquisa apresentam particularidades e sentidos próprios que possivelmente são influenciados pela natureza do NQ e que vão além da quantificação. Por isso, entendemos que as construções estudadas permeiam diferentes nichos na rede de construções binominais quantificadoras, pois pressupomos que se estabelecem diferentes relações de sentido entre elas e os itens por elas quantificados em seus *slots*. Desta maneira, ainda que elas quantifiquem os mesmos lexemas, os significados construídos possuirão diferenças.

O trabalho será apresentado em quatro seções. A primeira revisitará a literatura da área e alguns trabalhos sobre quantificadores. A segunda discutirá o trabalho de Verveckken e Delbecque (2018), que disserta sobre as construções binominais quantificadoras em Língua Espanhola. Esse trabalho é fundamentalmente importante para este artigo. Posteriormente, apresentaremos a metodologia e análise dos dados, para finalmente concluirmos este estudo.

Construções binominais e a Gramática de Construções

A noção de construção com que este trabalho se alinha tem base nos princípios da Gramática de Construções, que defende que as construções são pareamentos de forma e sentido. Conforme Goldberg (2006, p. 4): “Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto da sua forma ou função não possa ser inteiramente previsto a partir de suas partes componentes ou de outras construções já estabelecidas.” Logo, os significados das construções binominais quantificadoras são compreendidos a partir do todo, e não a partir da soma dos significados individuais de cada palavra que as compõem. Desta forma, o sentido quantificador que é expresso pelas construções estudadas é fruto do

chunk, por exemplo *uma chuva de*, mais o N2, formando assim um *chunk* ainda mais complexo, como vemos em *uma chuva de críticas*.

As construções são, portanto, uma entidade de duas faces: uma dotada de informações formais e outra dotada de informações semânticas. Para melhor entender a face de informações semânticas, Langacker (2006) traz grandes contribuições para esta pesquisa. A obra valoriza o aspecto visual na construção de significado, o *construal*, para as formas linguísticas e o caráter simbólico da linguagem. Com base no autor, postulamos que o falante pode, sob a pretensão de atender aos seus anseios comunicativos, construir usos linguísticos mais ou menos convencionais.

O nosso entendimento é que o nome quantificador de uma construção binominal pode influenciar em diferentes nuances de significado dentro desse grande grupo de construções binominais quantificadoras, já que uma construção pode ser mais ou menos analisável e composicional e, por conta disso, o tipo de item quantificado poderá também ser mais ou menos coerente com os nomes quantificadores. Goldberg (1995) propõe o Princípio da Coerência Semântica, que estabelece que apenas papéis semanticamente compatíveis podem ser fundidos, isto é, a compatibilidade existe quando um dos papéis pode ser caracterizado como instância do outro. Desta forma, acreditamos que os lexemas encontrados no *slot* da construção possuirão coerência semântica com o sentido do nome quantificador. Por isso, as construções binominais, embora sejam subesquemas de um esquema maior e mais abstrato (**ART INDEF N1 de N2**), que tem a função de quantificar em Língua Portuguesa, possivelmente terão especificidades particulares, o que poderá influenciar no tipo de referente a ser quantificado por elas.

Castilho (2008) postula que a quantificação está inserida no processo semântico da predicação que pode ocorrer pela pluralização com o *-s*, ou por pronomes, advérbios e substantivos coletivos. Segundo a autora, a quantificação pode ser definida (como os numerais *quatro* ou *cinco*), ou indefinida (como quantificadores indefinidos *muito(s)*, ou aqueles denominados pelo artigo indefinido *um*, por exemplo). Por indefinido pode-se entender um número indeterminado de objetos (*muitos dias*) até uma quantidade indeterminada deles (*bastante água*), podendo o núcleo do sintagma ser contável ou não. Os quantificadores indefinidos são expressões que possuem a função de atualizar os nomes, pois acrescentam ao que é designado alguma informação sobre quantidade, isto é, indicam a porção de um certo conjunto.

Ainda no domínio da quantificação, a autora propõe os sintagmas nominais de significação indefinida, dos quais são exemplos, os sintagmas preposicionais indeterminados, a saber *um montão de*; *uma porrada de*; *uma cacetada de*. As construções estudadas na presente pesquisa são estruturadas pelo artigo indefinido e por um sintagma preposicional com os nomes *monte*, *montanha*, *enxurrada* e *chuva* mais a preposição *de*. Dessa forma,

entendemos que essas construções são quantificadores indefinidos e que há uma avaliação subjetiva e hiperbólica por parte dos falantes.

Ressalta-se que há vantagens em usar construções binominais quantificadoras, pois além de quantificar, elas adicionam em seus contextos nuances que indicam mais informações acerca da intenção comunicativa dos falantes, como, por exemplo, reforçar ou agregar a ideia de movimento, como ocorrerem nos contextos de uso de *uma enxurrada de N2*, como veremos adiante.

As construções binominais quantificadoras e a persistência conceptual do nome quantificador: revisitando o trabalho de Verveckken e Delbecque (2018)

Verveckken e Delbecque (2018) estudam a persistência da imagem conceptual dos nomes quantificadores em construções binominais quantificadoras em espanhol. Para as autoras, uma imagem conceptual despertada por um nome quantificador é como um espaço mental. Sobre as construções binominais quantificadoras, as autoras demonstram que os sentidos perfilados por elas variam de acordo com o contexto. As diferentes facetas conceptuais apresentam diferentes graus de esquematicidade; sendo assim, o contexto discursivo e a cena construída determinam um conjunto de facetas estabelecidas em ocorrências específicas. Em conformidade com Langacker (2006), entendemos que o significado de uma expressão não é definido somente pela imagem conceptual evocada, mas também a partir do modo como ela é construída, sendo assim, o *construal* pode ser caracterizado a partir da percepção de uma situação pelo falante.

A construção binominal quantificadora *un montón de N* é a mais frequente no *corpus* escolhido³ por Verveckken e Delbecque (2018). De acordo com o trabalho, o nome quantificador *montón* mantém facetas de seu significado original, que é descrito como um conjunto de coisas acumuladas, ou como coisas postas desordenadamente em cima uma das outras, em uma típica configuração cônica. Nesse trabalho, identifica-se que a faceta mais comum de *montón* é a acumulação, os N2 quase sempre se perfilam como entidades acumuladas. Em outros dados, percebe-se que existem sentidos que se ligam a ideia de acumulação, um deles é a contiguidade espaço-temporal, que é uma reunião das entidades quantificadas (N2), como vemos no exemplo: “*um montão de gente* vendo os chipanzés” (Verveckken; Delbecque 2018, tradução nossa). Outra faceta presente na construção *un montón de N* é a de pertencimento a uma mesma categoria, este é o caso de *escritores* no exemplo a seguir: “*um montão de escritores* narrando a situação” (Verveckken & Delbecque 2018, tradução nossa).

³ A saber: *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA).

Segundo as autoras, além das facetas ligadas à acumulação, existem as facetas que estão de alguma forma relacionadas à falta de ordem ou estrutura, em que a conceptualização mais ligada à interpretação literal de *monte* transcende em exemplos quantitativos nos quais não se sabe ao certo a quantidade exata do N2, como podemos ver em: “tudo, as melhores coisas que você pode calcular e *um monte de camarareiros* para cima e para baixo” (Verveckken; Delbecque 2018, tradução nossa). Ressalta-se, ainda, no trabalho, a faceta de acaso ou aleatoriedade da acumulação – inferida por extensão metonímica da falta de estrutura: “não sei por que *um montão de gente* estava presente: o presidente, o ministro, Juan Antonio Yáñez e eu” (Verveckken; Delbecque 2018, tradução nossa), interpretado como casualidade pelas autoras.

Verveckken e Delbecque (2018) também discutem a alternância entre dois nomes quantificadores, que, segundo elas, são quase sinônimos, a saber: *avalanche* (*alud*) e *enxurrada* (*aluvión*). Entende-se, nesta análise, que embora haja uma aproximação dos sentidos dos nomes quantificadores, há nas construções binominais de cada um deles particularidades despertadas pela imagem conceptual de cada NQ.

De acordo com as autoras, para *alud* (avalanche) é bem parecido, contudo algumas distinções são apontadas. Dentre elas, está o fato de que, assim como acontece em enxurradas naturais, os dados de *aluvión* sugerem que o N2 inunda a vítima por todos os lados, a partir de pontos de partida distintos. Já com *alud* (avalanche), acontece de maneira diferente, pois o ponto de partida é apenas um, colaborando então para uma interpretação mais incisiva do dado.

Conforme a pesquisa, *alud* age como um bloco, dando às partes diferentes uma visão unificada e, portanto, uma força mais contundente e, por isso, esta parece se tratar de um evento mais pontual, enquanto *enxurrada* parece estabelecer uma relação de contiguidade. É válido também destacar que nas imagens conceptuais provocadas por *alud* (avalanche), há uma maior incidência de exemplos com conotação negativa, já em *aluvión* (enxurrada) há conotações negativas, mas também a construção de sentidos positivos.

Por fim, as autoras discutem se há uma motivação para a escolha do nome quantificador na construção, já que as imagens conceptuais dos nomes quantificadores impactam os nomes quantificados. Elas retomam a noção de isotopia (Kerbrat-Orecchioni 1979, Rastier 1987 apud Verveckken & Delbecque, 2018) para propor que os falantes procuram usar elementos congruentes e coerentes em seu discurso, sendo assim, na busca pela coerência do discurso, os falantes optariam por um N1, isto é, por um nome quantificador. Consequentemente, os NQ terão suas preferências combinatórias e essas escolhas, grosso modo, fortalecerão a semântica original do NQ.

Entretanto, as autoras esclarecem que não é apenas a imagem de N2 que acomoda a imagem conceptual introduzida por N1, devemos considerar, também, o papel que o N2 terá

na escolha do nome quantificador, pois há um ajuste mútuo entre as imagens associadas a N1 e N2. Desta forma, é recorrente que certos tipos de N2 constantemente aparecem com certo NQ, ou com um certo grupo de NQ. Elas exemplificam ao dizer que referentes negativos costumam recrutar nomes quantificadores como *alud*, *aluvión*, ou outros fenômenos naturais, como *tempestades* ou *maremotos* (em português). Os N2 estariam, assim, evocando imagens conceptuais que maximizam seus sentidos:

A ideia é que a coocorrência de itens lexicais que compartilham uma ou mais facetas conceptuais com N1 aumenta a proeminência relativa que esses componentes têm no marco ("*Frame*") evocado pelo discurso mais amplo. Em outras palavras, N2 e o contexto maior codetermina a(s) faceta(s) da imagem conceptual de N1 que são atualizadas em ocorrências particulares (Verveckken; Delbecque, 2018, tradução nossa).

Goldberg, em seu trabalho de 2019, propõe que os elementos são atraídos para a construção com base nas semelhanças com os itens que instanciam as construções os significados são apreendidos à medida que as palavras são experienciadas em contextos adicionais; contudo, a autora acrescenta que eles são limitados pela competição com outras palavras, pois cada palavra está relacionada a uma rede de *frames* semânticos, o que faz com que determinadas palavras não possam ser combinadas. Desta forma, os falantes, atentos aos contextos particulares, evitariam supergeneralizações e subgeneralizações de palavras adicionadas ao seu vocabulário.

De acordo com Verveckken e Delbecque (2018), o nome quantificador possui papel fundamental na conceituação de quantidade, estabelecendo, assim, a sua própria conceituação. Desta forma, ao mudarmos o nome quantificador em uma construção quantificadora, ocasionaremos, segundo as autoras, um deslize semântico, o que feriria o Princípio da Coerência Semântica proposto por Goldberg (1995) de que apenas papéis semanticamente compatíveis podem ser fundidos. Verveckken e Delbecque (2018) acreditam que os nomes quantificadores não sejam plenamente alternáveis entre si devido a semântica própria que cada um carrega.

Desta forma, postulamos que não haja sinonímia perfeita entre as construções estudadas neste artigo, tal qual o princípio da não-sinonímia proposto Goldberg (1995) – o qual prevê que duas construções formalmente distintas são semântica e/ou pragmaticamente distintas –, uma vez que não haja correspondência absoluta entre elas, visto que os nomes quantificadores provocam diferentes imagens conceptuais e por este motivo, selecionariam diferentes N2, com base em um ajuste recíproco entre o *chunk* e o referente quantificado.

Assim, nas construções binominais quantificadoras, há uma persistência conceptual. Logo, em toda conceptualização que um nome quantificador possa impor a um N2, a sua imagem conceptual sempre será refletida. Por isso, as construções binominais quantificadoras

são diferentes dos quantificadores canônicos, pois o NQ (como por exemplo os estudados, monte, montanha, chuva e enxurrada) é capaz de conferir a um referente certas características próprias, atribuindo-lhes especificidades à luz da sua imagem conceptual.

A próxima seção apresentará a metodologia e a análise realizada nesta pesquisa. Com base em todos os estudos discutidos, consideramos que nossas construções estabelecem uma quantificação indefinida dos referentes e procuraremos levar em consideração os aspectos envolvidos na construção dos sentidos da quantificação realizada pelas construções binominais quantificadoras, partindo do entendimento de Verveckken e Delbecque (2018) de que as imagens conceptuais evocadas são diferentes.

Analizando as Construções Binominais Quantificadoras

A metodologia do trabalho desenhou-se a partir da coleta dos dados no *Corpus Brasileiro*. Esse *corpus* é uma coletânea de 991.800.000 palavras de português brasileiro, resultado de projeto coordenado por Tony Berber Sardinha. Coletamos todos os itens que foram quantificados pelas construções *um monte de N2*, *uma montanha de N2*, *uma enxurrada de N2* e *uma chuva de N2* no *corpus* e controlamos suas frequências de tipo e de ocorrência.

Neste artigo, trabalhamos com os 30 nomes que foram mais frequentemente quantificados por elas. A partir daí, realizamos a primeira etapa de análise, que consistiu em uma análise qualitativa dos dados a fim de observar os pormenores envolvidos nos contextos observados e entender as características da quantificação de cada uma das construções. Na etapa final, comparamos tais lexemas e observamos quais deles eram quantificados por mais de uma das construções binominais com o objetivo de investigar possíveis diferenças em suas preferências colocacionais. A seguir apresentaremos as impressões sobre cada uma delas.

Um monte de N2

Encontramos, no *Corpus Brasileiro*, 2756 dados de um monte de N2 e identificamos 1006 tipos. Ao analisarmos os 30 nomes mais frequentemente quantificados pela construção *um monte de N2*, encontramos 325 vezes *um monte de gente*, 295 vezes *um monte de coisas* e 163 vezes *um monte de coisa* no *corpus*. Os itens destacados possuem frequência bem mais alta do que os outros coletados. Percebemos que esses referentes são mais genéricos (*gente*, *coisa* e *coisas*) e acreditamos que eles podem permitir, via analogia, a quantificação de diferentes itens, que a eles possam se aproximar semanticamente, já que a expansão dos tipos de nomes que podem ser quantificados pela construção pode ocorrer com base na semelhança com itens mais frequentes e prototípicos. Logo, os referentes + humanos e + animados podem estar relacionados aos nomes *gente*, bem como a *coisa* e *coisas*. Vejamos um exemplo:

- (2) <p>: ... em geral, era o reitor que fazia a contratação de **um monte de gente** desarticulada, sem liderança, e isso não levava a coisa nenhuma, não produzia pesquisa, nada (*Corpus Brasileiro*).
- (3) <p>: Mas eu encontrei **um monte de pessoas** com idéias ótimas, que sabiam que não iam resolver os problemas do mundo e tinham consciência de que esses problemas são de todos e não só de quem está na periferia», afirma Pardinho. (*Corpus Brasileiro*).

É interessante perceber, nos exemplos, que *gente* é muito mais frequente que *pessoas* (enquanto este aparece 18 vezes no slot da construção, aquele apareceu 325 vezes), ainda que as palavras possam ser consideradas sinônimas. Entendemos, assim, que itens semelhantes àqueles que são mais frequentemente quantificados por *um monte de N2*, provavelmente também poderão ser quantificados pela construção.

Outra percepção acerca de tal construção é que além de frequentemente quantificar referentes humanos, como vemos com *gente* e *pessoas*, ela também possui uma nuance de avaliação negativa e exagero que tende a crítica. Sendo assim, *um monte de N2* quantifica diferentes nomes, nem sempre negativos em seus sentidos, mas que em certos contextos constroem essa avaliação negativa⁴, como podemos ver no exemplo 3 acima.

Sabemos que as construções quantificadoras possuem um contexto hiperbólico, que é baseado em uma avaliação subjetiva de grande quantidade por parte do falante. A análise qualitativa dos dados sugere que a construção perfila o sentido de exagero, o que pode levar a interpretação de algo negativo, uma avaliação do falante de que algo é ruim por ser muito/demais, e que, posteriormente, o sentido pode ter se direcionado a um sentido de ruim de maneira mais geral, como é possível perceber no exemplo, já que o falante avalia negativamente a *gente* contratada e pelo fato de quantificar muitas palavras negativas como *besteiras*, *bobagens*, *asneiras* etc.

Entendemos, também, que não há entre os itens quantificados e a construção um sentido relacionado ao de amontoar e acumular em consonância a ideia de *monte* como formação geológica), pois os contextos não refletem um amontoado – como percebido por Verveckken e Delbecque (2018). A quantificação é muito mais evidente do que o entendimento de acumulação, além de o nome quantificador ter se mostrado mais opaco e menos atuante para o significado final da construção, na combinação entre a construção e os nomes quantificados.

Uma montanha de N2

Encontramos 216 dados e identificamos 104 *types* de *uma montanha de N2* no *Corpus Brasileiro*. *Dinheiro* foi encontrado 37 vezes e *dívidas* foi encontrado 7 vezes. Vimos que os

⁴ A questão será discutida mais profundamente em trabalho posterior.

dados de montanha não se mantiveram apenas com itens que pudessem ser empilhados – como o significado do NQ *montanha* pode indicar – identificamos que boa parte dos itens não eram concretos, logo não seriam dados + empilháveis. Em relação aos itens concretos, entendemos que concomitantemente à ideia de grande quantidade, há um forte indício de amontoação, de maneira icônica ao formato de uma *montanha*, de modo que os objetos se acumulassem em pilha

O lexema mais frequente, *dinheiro*, provavelmente serve como imã para a analogia com todo tipo de palavra relacionada a dinheiro, isto, também, explica a alta frequência de um lexema como *dívidas* já que o lexema frequentemente indica dever dinheiro. Há, aqui, uma relação simbólica entre os sentidos desses nomes. Concluímos que esses nomes podem indicar uma preferência da construção por itens que mantenham o sentido de pilha; entretanto, este empilhamento nem sempre será construído de forma real, muitas vezes, o nome *montanha* culminará em uma ideia, na verdade, de amontoamento ou acúmulo virtual, que se intensificará quando o falante se sentir encoberto pelo item a ser quantificado, como por exemplo: *estou soterrado em uma montanha de dívidas*. Esta avaliação subjetiva favorece o uso da construção quantificadora com *montanha*.

De fato, a referência à *montanha* (formação geológica) parece ser mais saliente em alguns dados, se a compararmos, por exemplo, à construção com o *monte*, estabelecendo, assim, uma acomodação maior de sentido entre o NQ e os itens quantificados. Podemos ver em muitos dados o uso e variações das palavras *soterrado* e *acúmulo*, tal como o uso de *debaixo de uma montanha de N2*. Veja o exemplo:

- (5) <p>: Talvez *acumulemos uma montanha de dívidas*, a juros elevadíssimos, que nem o produtor agrícola, nem o pequeno empresário -- industrial ou de que setor seja --, e muito menos o próprio Governo vão poder sustentar, como estamos vendo. (Corpus Brasileiro).

Com a construção com *montanha* conseguimos enxergar a noção de quantidade, entretanto é possível perceber mais indícios da contribuição do NQ para os sentidos dos dados, o que demonstra uma certa transparência de uma construção ainda recente na língua.

Uma enxurrada de N2

Observamos 227 tipos diferentes de lexemas instanciando o *slot* de uma *enxurrada de N2* e também foi possível observar 466 dados de ocorrências da construção no *corpus* analisado. O dado mais frequente foi *ações*, que foi coletado 48 vezes, além disso, encontramos *dólares* 25 vezes e *processos* 14 vezes. De acordo com as autoras Verveckken e Delbecque (2018), *enxurrada* provoca uma reação, ou é provocada por uma causa

identificável. O nome *enxurrada*, ligado ao conceito de movimento, traz consigo a ideia de arrastar coisas ou pessoas. Observe os exemplos:

- (6) <p>: Em suma, **uma enxurrada de investimentos** tem chegado ao país. (*Corpus Brasileiro*).
(7) <p>: Qual não foi a surpresa de todos quando **uma enxurrada de portarias** do INAMPS *adentrou* os gabinetes dos gestores públicos em janeiro de 1991. (*Corpus Brasileiro*).

Nos exemplos, conseguimos ver dois verbos que indicam movimento: *chegado*, *adentrou*; e os itens *investimentos* e *portarias*, que chegarão em grande quantidade, porém de forma abrupta e indicando uma movimentação. Diante do entendimento de que *enxurrada* refere-se a um fenômeno natural que é encarado como uma “ameaça”, observamos dados em que há o sentido de enfrentamento ao perigo, nesses casos, entendemos que há a semântica de situação de risco ou problema. As ideias construídas nos contextos observados indicam que, nesses casos, a *enxurrada* é interpretada como algo destruidor e que traz consequências muito ruins.

Sabemos que uma *enxurrada* causada por uma tempestade pode provocar muitos acontecimentos. Entendemos, então, que “enxurrada” pode perfilar o sentido de causa, isto é, o motivo para algo acontecer:

- (8) <p>: Este aumento substancial, que consiste em mais de 30 milhões de reais por mês na folha de pagamentos, foi decorrente de **uma enxurrada de contratações** para cargos comissionados e de gratificações dadas de forma graciosa a correligionários políticos do Sr. Governador e de seu esquema político. (*Corpus Brasileiro*).

Em outros contextos, percebemos que a construção não é o motivo, mas sim a consequência de situações ocorridas. Sendo assim, entendemos que certos fatores podem causar uma *enxurrada* de um nome, de modo que ela agora passe a ser uma consequência, da mesma forma que ela é, literalmente, a consequência de um temporal:

- (9) <p>: As declarações de Rudiger Dornbusch sobre a economia brasileira causaram **uma enxurrada de besteiras** na mídia. (*Corpus Brasileiro*).

Portanto, os sentidos de causa e consequência estão atrelados ao movimento que é típico de uma *enxurrada*, o que muitas vezes ocorre de forma repentina e inesperada.

Uma chuva de N2

Coletamos os dados da construção *uma chuva de N2* no *corpus* escolhido. Foram encontrados 143 *tokens* e identificamos 76 *types*. Os nomes mais frequentes foram *críticas* e *pétalas*, que apareceram 9 vezes no *corpus*. O número de ocorrências encontradas nos

chamou a atenção, já que, diferentemente, das outras construções, *uma chuva de N2* possui bem menos dados; mesmo o lexema *críticas*, que possui mais ocorrências, também não tem uma frequência muito alta.

Em boa parte dos dados, identificamos que houve arremessos de elementos, dados que, contextualmente, são algum tipo de agressão, que ocorre por conta de um descontentamento e ou por conta de críticas ou protestos. De fato, ser atingido pela chuva gera incômodo, desagrado. Ainda, frequentemente somos atingidos por fortes chuvas que causam bastantes estragos e, inegavelmente, em muitos momentos, nós somos vítimas delas.

A partir da observação dos dados, entendemos que esta construção ainda se apresenta com sua metáfora bastante latente, em que, mais do que um quantificador claro, a construção é usada para dar conta de contextos em que existem “vítimas”, literalmente ou não, que são vistas como alvos da *chuva*, como observamos com as comidas que são arremessadas:

- (10) <p>: Começou a jogar pedras na direção da árvore, mas recebeu de volta **uma chuva de mangas** que os bichos lhe atiraram. (*Corpus Brasileiro*).

Percebemos, ainda, que a construção constrói um sentido, em boa parte dos contextos, potencialmente ruim, como uma possível agressão ou ataque, que podem ser ou verbais, nos quais ambos possuem alvos em potencial, ou seja, agressões atingem suas vítimas, como é possível ver nos exemplos 11 e 12 a seguir:

- (11) <p>: O treinador foi *recebido* com **uma chuva de moedas** quando entrava em campo na partida em que seu time foi derrotado por 2 a 1. (*Corpus Brasileiro*).
- (12) <p>: As filmagens continuaram, mas sob **uma chuva de farpas**, principalmente da parte de Stone, que reclamava da falta de cavalheirismo de Baldwin (e de seu mau hálito). (*Corpus Brasileiro*).

Há, ainda, a questão do movimento (como também vimos em *uma enxurrada de N2*), a construção com *chuva* é baseada no movimento de cima pra baixo, assim como em nossa experiência da *chuva* estar acima de nossas cabeças, logo a construção perfila a ideia de movimentação e o movimento é construído a partir do entendimento de que ele ocorrerá de cima para baixo, como no exemplo 12.

Percebemos que, nos contextos encontrados, muitos dados são arremessados, e o seu movimento descendente se acomoda, perfeitamente, ao sentido de *chuva*. Por outro lado, o quantificador se mostra mais claramente, em contextos como *uma chuva de críticas*:

- (13) <p>: Finalmente, na temporada que se encerrou na última segunda-feira, Gil foi campeão sem antes deixar de ouvir **uma chuva de críticas** pela manobra tida como precipitada pouco depois da largada em Surfer's Paradise. (Corpus Brasileiro).

As diferentes quantificações entre as construções binominais.

Nesta subseção, discutiremos um pouco mais sobre o sentido de cada construção e apresentaremos uma comparação entre os itens quantificados pelas construções binominais quantificadoras estudadas, a fim de investigar as possíveis semelhanças e diferenças nos sentidos perfilados por elas. Comparando os 30 itens mais frequentes de cada uma delas, encontramos apenas 12 lexemas que se repetem, são eles: *dinheiro*, *dólares*, *recursos*, *livros*, *gols*, *mensagens*, *besteiras*, *denúncias*, *protestos*, *cartas*, *críticas* e *liminares*. Apresentaremos a seguir a tabela com esses itens e demonstraremos por quais construções eles foram quantificados.

Tabela 1: Itens quantificados por mais de uma construção.

Palavras	Um monte de N2	Uma montanha de N2	Uma enxurrada de N2	Uma chuva de N2
1. Dinheiro	X	X	X	
2. Dólares		X	X	
3. Recursos		X	X	
4. Livros	X		X	
5. Gols		X		X
6. Mensagens		X	X	
7. Besteiras	X		X	
8. Denúncias			X	X
9. Protestos			X	X
10. Cartas			X	X
11. Críticas			X	X
12. Liminares			X	X

Ao olharmos a tabela, percebemos que a construção *um monte de N2* é aquela que menos teve itens repetidos, apenas 3 (*dinheiro*, *livros* e *besteiras*). Como vimos anteriormente, uma de suas preferências é quantificar nomes + humanos. Podemos perceber que referentes humanos não foram frequentes nas outras construções, o que atribuímos ao fato de a preferência de *um monte de N2* pela quantificação de indivíduos restringir o surgimento dessa categoria em outras construções quantificadoras, o que é um argumento para o entendimento de que elas não ocupam os mesmos contextos na língua.

Um monte de N2 também demonstrou ter em seus sentidos uma nuance negativa, no sentido de que a grande quantidade de um exemplar é vista como algo ruim ou exagerada. A construção quantifica bastantes nomes que indicam coisas negativas, como *besteiras* ou *asneiras*. Tal conotação não ocorre com tantos nomes nas outras construções, como vimos acontecer naquela com o *monte*. Encontramos apenas o item *besteiras* sendo quantificado

por *uma enxurrada de N2* 2 vezes. Vejamos a seguir a quantificação de *asneiras*, primeiro pela construção *uma enxurrada de N2* e posteriormente pela construção *um monte de N2*.

- (14) <p>: As declarações de Rudiger Dornbusch sobre a economia brasileira *causaram uma enxurrada de besteiras* na mídia. (*Corpus Brasileiro*).
- (15) <p>: Segundo Paupério, o caso «'tá nas manchetes» até hoje porque integrantes do governo federal foram à imprensa «dizer **um monte de besteiras**» contra os rapazes, com o intuito de desviar a opinião pública da marcha dos sem-terra, que chegava a Brasília naquele dia. (*Corpus Brasileiro*).

No primeiro exemplo, além da quantificação, existe o sentido perfilado de movimentação e a ideia de consequência, ocasionada pelas declarações de Rudiger Dornbusch, isto é, uma movimentação/chegada de muitas *besteiras* na mídia, o que apreendemos a partir do uso do verbo *causaram*. No segundo, o tom se torna mais crítico e a avaliação ruim sobre o fato é o mais evidente e, diferentemente do exemplo anterior, o nome *monte* é mais opaco em relação ao sentido dos dados. Desta forma, os dados nos permitiram interpretar que, para *uma enxurrada de N2*, os sentidos de causa e consequência ocasionadas pela movimentação decorrentes da referência de *enxurrada* a um fenômeno natural é bastante presente. Portanto, entendemos que o sentido perfilado é diferente em cada uma das construções.

Abaixo, veremos um outro caso, desta vez com um outro nome, *livros*, também quantificado pelas duas construções. Vejamos os dados:

- (16) <p>: Essa discussão gerou **uma enxurrada de livros**, dos EUA à Austrália, debatendo um novo modelo de educação masculina, que propõe mais atenção e compreensão com os garotos. (*Corpus Brasileiro*).
- (17) <p>: Muitos dizem que se deixarmos a escolha com as bibliotecárias da Bahia, por exemplo, elas iriam comprar **um monte de livros** de candomblé. (*Corpus Brasileiro*).

No primeiro, percebemos que *uma enxurrada de livros* expressa mais uma vez o efeito de causa e consequência, no qual uma grande quantidade de livros debatendo certo tema foi gerada *por causa de* uma discussão. No exemplo com *monte*, mais uma vez vemos uma avaliação negativa sobre certo assunto. Há uma crítica a uma possível escolha de bibliotecárias baianas, pois na opinião do falante, elas optariam pela compra de livros do candomblé, em que fica demonstrado, de maneira implícita, a opinião do falante de que tal compra seria algo ruim.

A construção com *enxurrada* produz em seus dados o conceito de movimento que é inerente ao nome *enxurrada* e que, em muitos casos, estão ligados aos efeitos de causa e consequência gerados por ela. Portanto, evidenciou-se que essa construção quantifica

elementos que favoreçam esta interpretação, como nomes em que possam estar presentes essas ideias (por exemplo, a entrada e saída de capital, ou as consequências e causas de uma ação judicial). Dados com essas características não foram frequentemente quantificados por outras construções, porém *uma chuva de N2* também quantifica *denúncias*, *protestos*, *cartas*, *críticas* e *liminares*.

Chuva e *enxurrada* se mostraram um pouco parecidas na ideia de que ambas perfilam o sentido de movimento, porém este é construído de maneiras diferentes. Enquanto *chuva* demonstra em seus dados a ideia de verticalidade que atinge um alvo, *enxurrada* implica em uma movimentação horizontal que indica entrada/chegada. Observe os exemplos:

- (18) <p>: e Srs. Deputados, toda vez que viajamos pelo interior do Estado recebemos **uma enxurrada de denúncias** contra Prefeitos ligados ao carlismo. (*Corpus Brasileiro*).
(19) <p>: Em outubro do ano passado, *sob* **uma chuva de denúncias** de irregularidades, foi afastado do cargo. (*Corpus Brasileiro*).

Os exemplos acima com o nome *denúncias* ilustram esta discussão, já que em ambos se percebe a ideia de movimento, mas somente no segundo exemplo *denúncias* estão “caindo” sobre um alvo (veja o uso da preposição *sob*), no qual percebemos a verticalidade perfilada pela construção. Sendo assim, uma pessoa, afastada do cargo, está debaixo de *uma chuva de denúncias*.

Cartas e *críticas* foram nomes que apareceram entre os mais frequentes das construções com *chuva* e *enxurrada*. O item *críticas*, no trabalho de Verveckken e Delbecque (2018), foi o item mais frequente com *uma enxurrada de N2*. Nesta pesquisa, esse exemplar foi mais quantificado por *uma chuva de N2*. A ideia de movimento das duas construções favorecem no recrutamento dos lexemas em questão, já que tanto para críticas como para cartas há uma transferência, isto é um movimento direcionado, a um alvo ou a um destinatário, é o que vemos nos exemplos abaixo:

- (20) <p>: Bastou a seleção pré-olímpica perder para o México e **uma chuva de críticas** *desabou* sobre as cabeças de Zagallo e seus garotos. (*Corpus Brasileiro*).
(21) <p>: A predecessora de Violante na presidência da Câmara, Irene Pivetti, provocou **uma enxurrada de críticas** em 1994, quando falou em público sobre os benefícios que o fascismo trouxe às mulheres. (*Corpus Brasileiro*).

Nos exemplos, podemos perceber que no primeiro se sobressai a verticalidade do movimento (vide *desabou*) e no segundo chama atenção o efeito causa/consequência, imensamente discutido. Vimos que os itens quantificados por *uma chuva de N2* podem ser interpretados como alvos em potencial, devido ao fato de a *chuva* ter um movimento para baixo e seus *N2* serem atingidos por ela. O sentido de ameaça criado por *uma chuva de N2*

também é visto em alguns contextos de *uma enxurrada de N2*, contudo ele é mais latente na primeira.

Os exemplares *mensagens*, *dólares* e *recursos* instanciaram as construções com *montanha* e *enxurrada*. *Uma montanha de N2* constrói o sentido de acumulação, que pode ser literal, no caso de papéis por exemplo, ou virtual, como no caso de dívidas. O fato é que os contextos mostraram que os falantes avaliam estar por baixo de uma *montanha* composta por algum lexema, isto é, é como se os nomes se acumulassem e soterrassem os personagens dos contextos analisados, o que se difere dos contextos encontrados com *uma enxurrada de N2*. A seguir veremos dois exemplos:

- (22) <p>: A recente onda de megafusões de bancos nos Estados Unidos está criando instituições que administrarão **uma montanha de recursos desproporcional** em relação ao *tamanho* do mercado brasileiro. (*Corpus Brasileiro*).
- (23) <p>: É em janeiro que a Bolsa de Valores de São Paulo poderia *receber* **uma enxurrada de recursos** externos dos fundos internacionais se as avaliações sobre o futuro do Brasil fossem otimistas (*Corpus Brasileiro*).

O primeiro induz a interpretação de acumulação, já que compara o “tamanho” da quantidade de recursos ao tamanho do mercado brasileiro e avalia tal quantidade como desproporcional. O segundo, conforme comentamos, reforça a ideia de movimentação, sentidos que também foram observados nos exemplos com *dólares* e *mensagens*.

A seguir podemos observar mais dois exemplos:

- (24) <p>: E, então, o que se vê é esse Palmeiras *somando* nas últimas rodadas **uma montanha de gols**, que sábado atingiu o paroxismo: 6 a 3. resultado que já coloca seu ataque lá no topo da artilharia. (*Corpus Brasileiro*).
- (25) <p>: Se o Serginho colocar hoje o Santos lá no ataque, poderemos ter novamente **uma chuva de gols** na cidade (*Corpus Brasileiro*).

Vimos que o referente *gols* é quantificado por *uma montanha de N2* e *uma chuva de N2*. No exemplo (24), o verbo *somando* indica que os gols do Palmeiras estão sendo *acumulados* em *uma montanha de gols*, desta forma, o sentido de acúmulo é novamente perfilado. Enquanto no exemplo (25), a cidade pode ser o alvo de uma chuva de gols, sendo assim ela será *atingida* por *gols*. Neste dado, apreendemos implicitamente a ideia de movimento de cima para baixo.

Dinheiro foi o exemplar que mais repetiu entre as construções; entre os dados, encontramos *um monte de dinheiro*, *uma montanha de dinheiro* e *uma chuva de dinheiro*. Embora o referente seja quantificado por três das construções binominais quantificadoras, entendemos que são perfilados diferentes sentidos para cada uma delas. Com *montanha*, ele

foi um dos itens mais frequentes, sendo coletados tantas 37 vezes, acreditamos que dinheiro é um item o qual contribui para a interpretação de acúmulo e pilha, ligando-se, deste modo, mais facilmente à *montanha*. No exemplo a seguir percebemos a ideia de pilha com uso do adjetivo *maior*, que indica a verticalidade da *montanha*.

(26) <p>: **Uma montanha de dinheiro** maior que a dívida externa brasileira.
(*Corpus Brasileiro*).

O mesmo sentido provavelmente já existiu nos primeiros usos de *um monte de N2*, entretanto, como dissemos anteriormente, atualmente esse sentido não é mais perfilado pela construção, que se tornou mais opaca e idiomática. Na subseção antecedente, discutimos que, no *corpus* estudado, *um monte de N2* perfila o sentido de crítica/avaliação negativa; nos dados com dinheiro percebemos tal nuance de significado; no exemplo abaixo, o falante avalia negativamente o gasto do *dinheiro*.

(27) <p>: Tem hora para levar essas coisas a sério, seríssimo, e tem hora para ir gastar **um monte de dinheiro** em *bobagem*, danem-se os pobres do mundo. (*Corpus Brasileiro*).

Já no exemplo de *uma enxurrada de dinheiro*, mais uma vez observamos a ideia de movimentação, percebemos que ocorre a *entrada* do *dinheiro* no mercado econômico:

(28) <p>: No dia anterior, houve uma **enxurrada de** dinheiro estrangeiro no mercado com a *entrada* de US\$ 400 milhões. (*Corpus Brasileiro*).

Percebemos, acima, o uso das palavras *arrecadou* e *entrada* que permitem as ideias de acumulação e movimentação, respectivamente, além disso, vimos a nuance de avaliação negativa em *um monte de dinheiro*. Demonstrando, assim, a quantificação do mesmo item, porém com particularidades nas interpretações de cada uma das construções quantificadoras.

Conclusão

Concluimos que as construções estudadas não podem ser consideradas sinônimas na Língua Portuguesa, já que, embora todas sejam estratégias de quantificação, em cada uma delas é possível perceber sutilezas de sentido se observarmos seus contextos de uso, como foi realizado. Tal fato é confirmado a partir da percepção de que apesar de muitos *types* terem sido coletados para cada uma, em apenas 12 oportunidades elas quantificaram o mesmo referente. Isto evidencia que há uma distribuição colocacional entre elas, ou seja, elas ocupam diferentes nichos na quantificação, e, por isso, quantificam diferentes itens, a depender de suas características, bem como a maneira que o falante deseja se expressar, já que, as

diferentes nuances expressas pelas construções binominais influenciam no significado final expresso.

Em um primeiro momento, esperamos que a semelhança no significado literal entre os nomes *monte* e *montanha*, *enxurrada* e *chuva* aproximasse essas construções. Contudo, o que percebemos foi que a literalidade do monte se apagou na construção, desta forma, os sentidos de acumulação, pilha e verticalidade expressos implicitamente na construção com *montanha*, já não podem ser vistos em *um monte de N2*, que prefere quantificar referentes + humanos e avalia negativamente, essas construções apenas quantificaram em comum 1 referente, dinheiro. As construções com *chuva* e *enxurrada* quantificaram mais itens em comum, somando um total de 5 nomes. Percebemos entre elas a similar ideia de movimento, porém com uma diferença importante: a inerente verticalidade em *chuva* e a grande presença do efeito causa e consequência em *enxurrada* (o que não foi visto na primeira e vice versa).

Desta maneira, procuramos discutir as diferenças de sentido perfiladas pelas construções binominais quantificadoras estudadas e esclarecer que embora semelhantes, elas possuem diferentes preferências colocacionais, o que significa que elas quantificarão itens significativamente distintos; ou ao quantificar o mesmo item, estabelecerão diferentes nuances de sentido. Este trabalho não esgota as discussões sobre o tema, estratégia amplamente utilizada pelos falantes de língua portuguesa, e de suma importância para os estudos dos quantificadores.

Referências

- BARLOW, M.; KEMMER, S. (org.). **Usage based models of language**. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.
- BERBER SARDINHA, T.; MOREIRA FILHO, J.; ALAMBERT, E. **Corpus Brasileiro**. São Paulo: CEPRIL, LAEL, CNPq, Fapesp, PUCSP, 2010.
- BOYLAND, J. T. Usage-based models of language. In: EDDINGTON, D. (ed.). **Experimental and Quantitative Linguistics**. Munich: Lincom, 2013. p. 351–419.
- CASTILHO, C. M. M. Quantificadores Indefinidos. In: CASTILHO, A. T.; ILARI, R.; MOURA NEVES, M. H. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Vol. II. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.
- CROFT, W. Radical construction grammar. **Syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIESSEL, H. **The grammar network**: how language structure is shaped by language use. Cambridge: University Press, 2019.
- FILLMORE, C. Frames and the semantics of understanding. **Quaderni di Semantica**, 6, 1985.
- FILLMORE, C. **Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, 1988.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Letalone. **Language**, 1988.

FUMAUX, N. C. A. **Um monte de quantificadores**: uma análise colostrucional da construção quantificadora um(a) N1 de N2. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG A.; CASENHISER, D. English Constructions. In: McMAHON, A.; AARTS, B. (ed.). **Handbook of English Linguistics**. Blackwell Publishers, 2006.

GOLDBERG, A. E. **Explain me this**: creativity, competition and the partial productivity of constructions. Princeton: Princeton University Press, 2019.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**. Stanford: Stanford University Press, 2v, 1987.

VERVECKKEN, K.; DELBECQUE, N. Un montón de maneras de conceptualizar la cantidad: la persistencia conceptual en los cuantificadores binominales. **Bulletin Hispanique**, 2018.

Sobre as autoras

Nuciene Caroline Amphilóphio Fumaux

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4593-0194>

Atualmente é bolsista pós-doutorado nota 10 FAPERJ em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora e Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, bem como licenciada em Letras (Português e Literaturas) pela mesma instituição.

Karen Sampaio Braga Alonso

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7853-0015>

Professora Associada do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ. Coordenadora do Grupo Discurso gramática- UFRJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-2). Possui graduação em Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002), Mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005), Doutorado em Linguística pela UFRJ (2010) e pós-doutorado (visiting scholar) na área de Linguística na Universidade da Califórnia (Berkeley). Realizou capacitação na Universidade de Edimburgo (CAPES-Print). Docente do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ. Docente do Mestrado Profissional em Letras da UFRJ (PROFLETRAS, disciplina: Gramática, variação e ensino). Docente do Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da UFRJ.

Recebido em jul. 2024.

Aprovado em nov. 2024.